

A CATEDRAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAMPINAS E A CONSTITUIÇÃO DOS SABERES CONSTRUTIVOS: A CIDADE COMO FACHADA, A FACHADA COMO CIDADE

Ana A. Villanueva Rodrigues*

RESUMO

A partir do processo de construção da Catedral Nossa Senhora da Conceição da cidade de Campinas – SP, entre 1807 e 1883, ocorreu o processo de mudanças das técnicas construtivas regionais, que gerou também transformações nos saberes técnicos. As novas construções que surgiram neste local fizeram com que a cidade crescesse e se deslocasse do eixo do primeiro núcleo urbano, em volta da “matriz velha”, na direção do núcleo da “matriz nova”. A mudança do eixo urbano, aliado a outra, a do caráter estético dos edifícios, é um indicador da imagem que os campineiros desejariam passar aos visitantes, ou seja, de uma sociedade que se enriquecia com o dinheiro da lavoura cafeeira, ao mesmo tempo que estaria à frente das novidades estéticas que chegavam da corte.

PALAVRAS-CHAVE: *Arquitetura. Catedral de Campinas. Patrimônio Cultural. Urbanismo.*

A transformação urbana que ocorreu ao redor da construção da Catedral Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Campinas-SP, chamada “matriz nova”, pode ser vista como parte integrante de todo o processo de mudanças das técnicas construtivas regionais. As novas construções que surgiram neste local fizeram com que a cidade crescesse e se deslocasse do eixo do primeiro núcleo urbano, em volta da “matriz velha”, na direção do núcleo da “matriz nova”. A mudança do eixo

* Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Paulista (Unip). E-mail: anavillanueva11@gmail.com.

urbano, aliada a do caráter estético dos edifícios, pode ser um importante indicador da imagem que os campineiros desejariam passar aos visitantes, ou seja, de uma sociedade que se enriquecia com o dinheiro da lavoura cafeeira, ao mesmo tempo que estaria à frente das novidades estéticas que chegavam da corte.

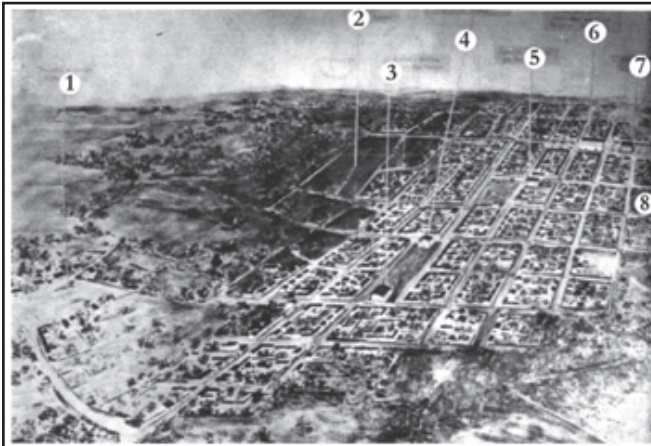
As áreas próximas da Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas foram se transformando e ganhando importância após o lançamento de sua pedra fundamental, em 1807. Neste momento inicial ainda não havia nenhuma construção no local, conforme relato de Francisco Quirino Santos de 1871: “(...) Naquella epocha não era um subúrbio, era, para que assim o digamos, um deserto cheio de matas propriamente” (SANTOS, 1901, p. 83). Campinas tinha sido elevada de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas do Mato Grosso a Vila de São Carlos, no ano de 1797. Para esta mudança foi necessária a definição dos limites do núcleo urbano, ou seja, o *rocio*, conforme *Declaração do Rocio* a seguir:

Aos quinze dias do mez de Dezembro de mil settecentos e noventa e sette annos nesta Villa de Sam Carlos Comarca da Cidade de São Paulo donde se achava o Doutor Ouvidor geral, e Corregedor Caetano Luiz de Barros Monteiro em caza de sua residência e apousentadoria onde eu Escrivam de seo cargo ao adeante nomeado fui vindo, e sendo ahi pelo dito Ministro, sendo presentes a Camera da Villa de Jundiah, e a Nobeza e Povo desta mesma Villa para logradouro dos habitantes della, e fundarem suas cazas sem alguma pensam de foro era de hum quarto de legoa, sendo medido do Pelourinho para quatro lados, no fim dos quais poria em cada hum seo marco para sinal do limite do dito rocio, e mandou que a Camara logo que principiasse a servir, mandasse fazer dita mediçã, e demarcaçã na forma referida, e para constar mandou lavrar estes termo de declarassam de rocio [...] (in MENDES, 1968, p. 8).

O limite urbano estabelecido por Pupo (1969), para o ano de 1840, não seria alterado significativamente até 1850, conforme pode-se observar no desenho elaborado por José de Castro Mendes (Figura 1). Porém, esta foi uma década de acontecimentos políticos e econômicos significativos, que iriam trazer conseqüências posteriores para a transformação urbana, como: o crescimento do número de fazendas de café na região; a elevação da vila de São Carlos a cidade de Campinas e o combate da “Venda Grande”,¹ no ano de 1842; a inauguração do Teatro São Carlos, em 1850, cuja organização inicial deu-se em 1846.

¹ Segundo Celso Maria de Mello Pupo, o combate da Venda Grande foi um conflito armado, que ocorreu em Campinas, entre políticos “liberais” e “conservadores”, tendo como líder revolucionário o padre Regente Feijó; o movimento foi debelado em 1843, saindo-se vencedores os “conservadores” (Cf. PUPO, 1969, p. 123-136).

Figura 1 - Campinas em 1850, desenho de José de Castro Mendes



Legenda:

1. Atual Santa Casa
2. Atual praça Carlos Gomes
3. “Matriz velha”
4. Casa de Câmara e Cadeia
5. Igreja do Rosário
6. “Matriz nova” ou Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas
7. Teatro S. Carlos
8. Terreno vago

Identificação dos monumentos por Ana A. Villanueva Rodrigues sobre desenho de José de Castro Mendes. (in SESSO JUNIOR, 1970, p. 38). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti, 2009.

A situação econômica de Campinas foi se transformando aos poucos, com a introdução da lavoura do café, concomitante à já existente do açúcar. Em passagem por Campinas, no ano de 1819, Auguste de Saint-Hilaire² relatou que “Esse termo é o maior produtor de açúcar de toda a Província de São Paulo. Em 1819 já havia ali uma centena de engenhos de açúcar, incluindo as destilarias, e em 1838 já se contavam noventa e três engenhos propriamente ditos e igual número de destilarias onde se fabricava a cachaça” (SAINT-HILAIRE, 1922, p. 110). Duílio

² Augustin-François-César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853), foi um naturalista francês cujos relatos são documentos de grande valor histórico sobre a vida e os costumes brasileiros na primeira metade do século XIX, onde chegou a declarar: “Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”. Quando esteve no Brasil (1816-1822), colheu grande quantidade de material orgânico e mineral, além de dados etnográficos, e descreveu o aspecto da flora em cada região visitada. Classificou famílias, gêneros e mais de mil espécies novas da flora brasileira. Reuniu uma coleção de seis a sete mil espécies de plantas para o Museu de História Natural de Paris. Entre seus livros sobre o Brasil estão *Plantes usuelles des brésiliens* (1824), *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* (1824) e *Flora Brasiliae meridionalis* (1825-1832, 3 v. colab. Jussieu & Cambessèdes), além de vários outros relatos sobre suas viagens ao interior das províncias. Saint-Hilaire volta para a França em 1822, depois de ter sido envenenado por mel de vespa. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AugusteS.html>>. Acesso em 5 maio 2009.

Battistoni Filho³ demonstrou por meio de estatísticas que, em 1836, havia nove fazendas de café na região de Campinas, mas a riqueza ainda estava concentrada nos engenhos de açúcar que totalizavam oitenta e três neste ano. No período entre 1842 e 1852 foram instaladas oitenta e nove fazendas de café e, em 1854, pouco tempo depois da chegada de Vitoriano dos Anjos na cidade, já havia cento e setenta e sete fazendas (BATTISTONI FILHO, 1996, p. 24). Zaluar relata, em sua passagem por Campinas, que, na década de 1860, o cultivo da cana continuava a ser explorado com “grandes vantagens”, mas que, desde 1840, a produção de café ganhava incremento, tendo chegado ao número de cento e oitenta e nove fazendas em 1860 (ZALUAR, 1975, p. 150-151).

Portanto, parece que a década de 1860 propiciou as condições econômicas para o início efetivo das transformações urbanas em Campinas, o que ocorreria concomitantemente às grandes obras e acontecimentos na “matriz nova”, entre elas: o início da administração de Sampaio Peixoto, em 1862, com o término dos entalhes no interior (Vitoriano, 1862 e Bernardino, 1865), a viagem de Sampaio ao Rio de Janeiro e a produção dos vários desenhos da fachada, o desmoronamento das taipas, em 1866, e a criação da sua olaria, em 1867. Mas, para que a cidade pudesse acompanhar estes eventos e crescer ao redor da “matriz nova” eram necessárias obras de infra-estrutura e melhorias urbanas, preocupação esta também do administrador da catedral, que solicitou à Câmara Municipal, no dia primeiro de agosto de 1865, autorização para execução deste trabalho, conforme transcrito a seguir:

Indicação da Câmara que tendo o cidadão Antonio Carlos de Sampaio Peixoto se oferecido gratuitamente para faser a experiencia do calçamento abaulado com pedras de ferro faciadas em uma das ruas desta cidade que deve servir de padrão de novos calçamentos, que se aceite tão valliosa offerta, calçando-se as ruas do Rosário entre o pátio do mesmo nome e da matriz nova, e que se autorisse o mesmo cidadão Sampaio a faser esse calçamento pela maneira que julgar mais econômica.⁴

³ “Dulio Battistoni Filho nasceu em Campinas em 1937. Licenciou-se em História pela PUC-Campinas, onde graduou-se em 1961. Exerceu suas atividades docentes no Magistério Oficial do Estado. É autor de inúmeros trabalhos históricos e artísticos em revistas especializadas e dos livros *Pequena História da Arte, Estudos Campineiros, Alguns aspectos da arquitetura urbana em Campinas e História das Artes no Brasil*. Pertence à Academia Campinense de Letras, Academia Paulista de História, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas” (BATTISTONI FILHO, 2002, p. 67).

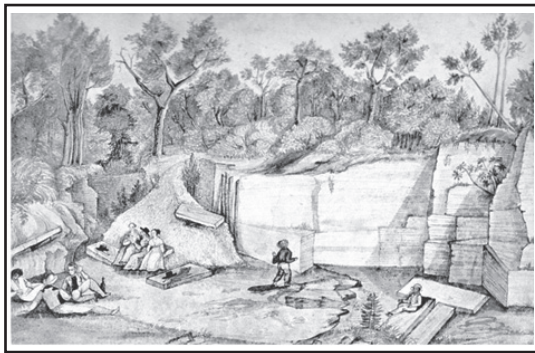
⁴ CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Livro de Atas: 1865*. Sessão extraordinária de 01 de agosto de 1865, p. 54 verso.

Anteriormente, em abril do mesmo ano, o Visconde de Taunay (1921, p. 29) observou e escreveu sobre as ruas e calçamento já existentes na cidade: “As ruas embora bem alinhadas e extensas não tem calçamento regular nem se acham niveladas. Vêm se grandes lages chistosas vindas de Itú. Não se prestam à edificação mas são ótimas para formar os passeios das ruas” (Figura 2). A construção do calçamento proposta por Sampaio Peixoto foi deferida e, pouco tempo depois, Sampaio já havia iniciado as obras e encaminhado outro ofício à Câmara Municipal,

como director do calçamento que esta construindo na rua do Rosário, pedindo permissão para construir uma persinta no pateo da matriz nova, que terá o fim de repartir as águas pluviais por esta rua e aquella do Rosario, e que terá a mais conveniencia de não estragar aquella rua com o grande peso d’aguas que por ella correm [...].⁵ (Figura 3).

Deferida, esta solicitação permitiu que Peixoto fizesse a persinta da maneira que julgasse conveniente, mas deveria usar as mesmas pedras do calçamento da rua do Rosário em andamento.

Figura 2 - Pedreira de Itu



Fonte: MIGUEL Dutra. *O poliedrico artista paulista (Itu, 1810 – Piracicaba, 1875)*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriant, 1981, p. 35.

⁵ CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Livro de Atas: 1865*. Sessão extraordinária de 23 de setembro de 1865, p. 57 verso.

Figura 3 - Sobrado de Francisco de Campos, Campinas



Localização por Ana A. Villanueva Rodrigues sobre foto de Pupo (1969, p. 190).
Edição de Imagem: Beatriz Andreotti, 2009.

Ainda sobre a década de 1860, pode-se mencionar a consolidação das mudanças urbanas que ocorriam com a promulgação do “Código de Posturas da Câmara Municipal”,⁶ bem como a divisão da cidade em dois distritos – o da “matriz velha” e o da Conceição, que incluía a “matriz nova” – que, segundo Jolumá Britto (1957, v. 5, p. 60), foi estabelecida pela Lei de 20 de outubro de 1860, e iria refletir na arrecadação de impostos para a obra da Catedral Nossa Senhora da Conceição. Porém, uma grande transformação no sistema construtivo dos edifícios de Campinas ocorreria somente após a chegada da ferrovia na cidade, relatada, à época, por Quirino dos Santos: “Contavam-se três horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme: ouvia-se longínquo um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas belas campinas o férreo galopar do misterioso hypogrifo” (apud MATOS, 1981, p. 81). A ferrovia foi inaugurada em 1872, com a Cia. de Estradas de Ferro Paulista, cujas conseqüências urbanas foram estudadas

⁶ CÓDIGO de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Campinas. Campinas: Typ. Campineira, Janeiro, 1864.

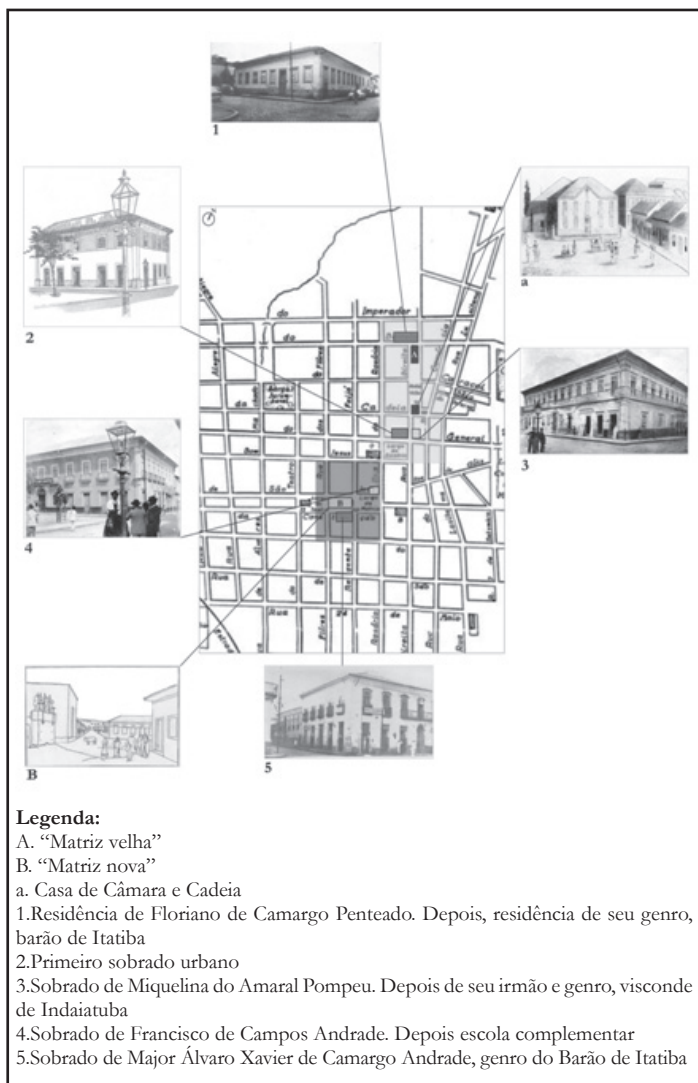
por esta autora em sua dissertação de mestrado (RODRIGUES, 1997, p. 21-22), na qual demonstra que, junto com a chegada da ferrovia, vários materiais de construção importados foram popularizados, entre eles calhas e condutores. A inserção do ático para esconder o telhado foi possível em Campinas somente após a implantação da ferrovia, por conta da viabilização do transporte destes elementos de captação de água pluvial. Mesmo já existindo, desde 1867, a olaria de Sampaio Peixoto, parece que seus tijolos foram empregados, neste primeiro momento, principalmente nas fazendas de café da região, ganhando destaque nas residências urbanas somente após 1872, o que culminou com o recebimento do título de Imperial, em 1875, para sua olaria.

Estas mudanças urbanas seriam necessárias para efetuar a ligação entre o antigo núcleo urbano ao redor da “matriz velha” e o que se “construía” em função da “matriz nova”, sendo que a Igreja do Rosário e o seu pátio estavam no meio geométrico entre os dois núcleos. Porém, os homens que se instalavam nas proximidades da “matriz nova” também queriam distinguir-se dos outros que permaneciam no núcleo anterior. Essa mudança seria materializada com a adoção de uma nova estética para as fachadas de suas residências, propiciada pela mudança da técnica construtiva. José Roberto Amaral Lapa explicou as transformações urbanas de Campinas em função das mudanças políticas e sociais, apresentadas da seguinte forma: “À cidade colonial sucede então a cidade imperial (aristocrática), que não esperará a liquidação do escravismo e a mudança do regime político para ir-se transformando na cidade burguesa” (LAPA, 1996, p. 104).

Para a compreensão do processo de transformação urbana concomitante ao das edificações, tendo como referência a construção da Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas, no período entre 1807-1883, propõe-se aqui a identificação de três fases:

- 1ª Fase - construções em taipa-de-pilão (Figura 4);
- 2ª Fase - construções em técnica mista, taipa-de-pilão e tijolos (Figura 5);
- 3ª Fase - construções em tijolos (Figura 6).

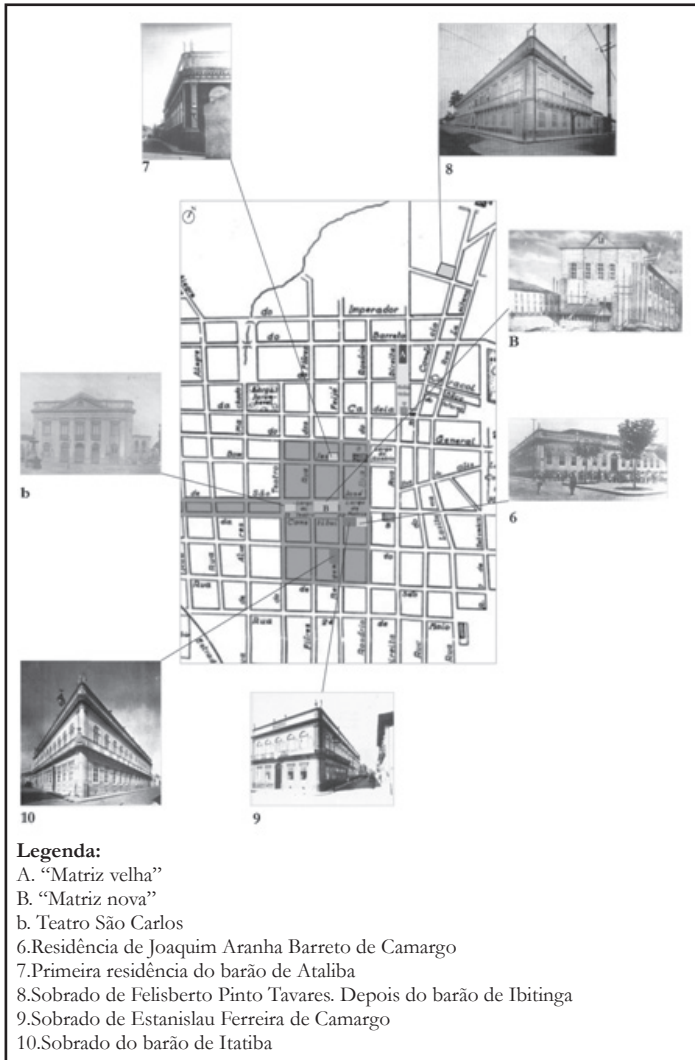
Figura 4 - 1ª Fase: Edifícios com a técnica construtiva de taipa-de-pilão



Inserção de edifícios com a técnica construtiva de taipa-de-pilão por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre cópia da "Planta da Cidade de Campinas em 1878", elaborada por Júlio Mariano Junior, do acervo particular de Ana A. Villanueva Rodrigues. Legenda: B. "Matriz nova" (in MENDES, 1968, p. 139).

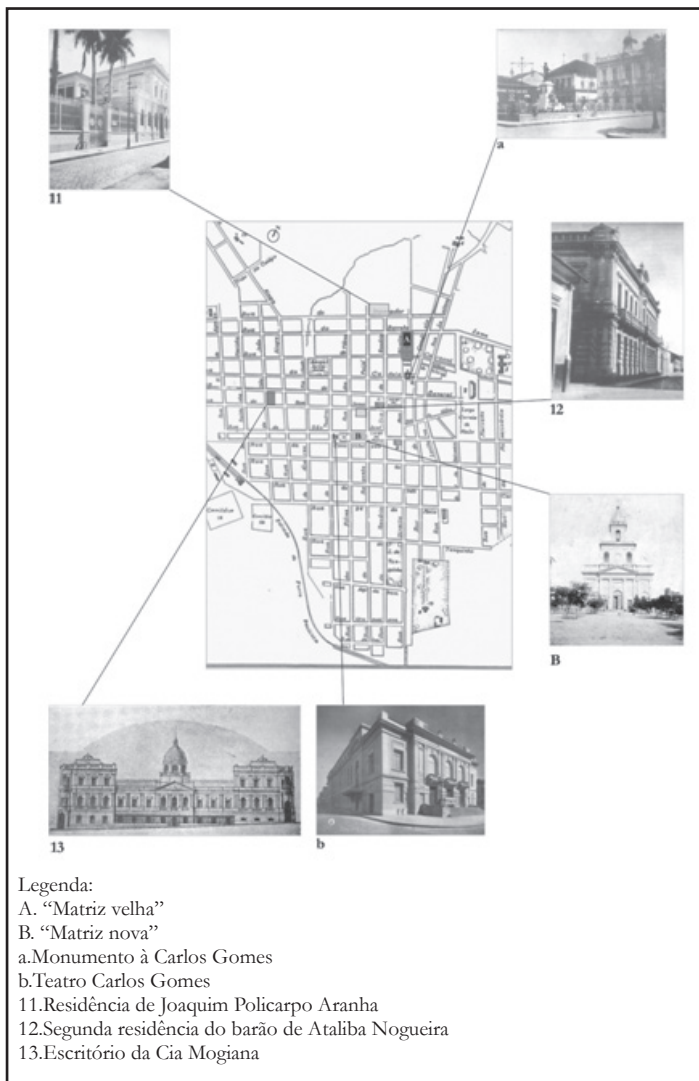
a. Casa de Câmara e Cadeia do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas; 1. Residência de Floriano de Camargo Penteado, reprodução do acervo da Coleção Maria Luiza Pinto de Moura do Museu da Imagem e do Som de Campinas, 2003; 2. Primeiro sobrado urbano (in PUPO, 1969, p. 181); 3. Sobrado de Miquelina do Amaral Pompeu (in PUPO, 1969, p. 188); 4. Sobrado de Francisco de Campos Andrade da Coleção do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas; 5. Sobrado do Major Álvaro Xavier de Camargo Andrade (in SESSO JUNIOR, 1970, p. 246). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

Figura 5 - 2ª Fase: Edifícios com a técnica construtiva mista de taipa-de-pilão e tijolos



Inserção de edifícios com a técnica construtiva de taipa-de-pilão por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre cópia da "Planta da Cidade de Campinas em 1878", elaborada por Júlio Mariano Junior, do acervo particular de Ana A. Villanueva Rodrigues. Legenda: B. "Matriz nova" do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas; b. Teatro São Carlos (in SESCO JUNIOR, 1970, p. 62); 6. Residência de Joaquim Aranha Barreto de Camargo do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas; 7. Primeira Residência do Barão de Ataliba, reprodução do acervo particular de Maria Luiza Pinto de Moura, 2003, 2003; 8. Sobrado Felisberto Pinto Tavares, reprodução do acervo particular de Maria Luiza Pinto de Moura, 2003, 2003; 9. Sobrado de Estanislau Ferreira de Camargo do acervo da coleção Maria Luiza Pinto de Moura do Museu da Imagem e do Som de Campinas; 10. Sobrado do barão de Itatiba do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas. Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

Figura 6 - 3ª Fase: Edifícios com a técnica construtiva de tijolos



Inserção de edifícios com a técnica construtiva de taipa-de-pilão por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre cópia da "Planta da Cidade de Campinas em 1878", elaborada por Júlio Mariano Junior, do acervo particular de Ana A. Villanueva Rodrigues. Legenda: B. "Matriz nova" do acervo da coleção MIS do Museu da Imagem e do Som de Campinas; a. Monumento à Carlos Gomes (in *SESSO JUNIOR*, 1970, p. 192); b. Teatro Carlos Gomes In: *Álbum propaganda de Campinas*, 1939; 11. Residência de Joaquim Policarpo Aranha. Fonte do acervo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas; 12. Segunda residência do barão de Ataliba Nogueira (in *SESSO JUNIOR*, 1970, p. 172); 13. Escritório da Cia Mogiana (in *PUPPO*, 1983, p. 45). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

1ª Fase: Construções em taipa-de-pilão. Este período se inicia em 1807, data de lançamento da pedra fundamental da Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas, e se estende até o início da década de 1860, quando as taipas principais da catedral foram construídas e o telhado fechado (Figura 7). Fazem parte desta fase as residências urbanas construídas em taipa-de-pilão, térreas ou sobrados. As reformas realizadas nos sobrados modernizados ocorreram em um período posterior aos anos 1860, e anterior a 1872, ano de instalação da ferrovia, mas foram classificadas na fase 1, uma vez que todas estas inserções não modificaram a estrutura construtiva de taipa-de-pilão.

Figura 7 - Construção da “matriz nova” em Campinas



Inserção da identificação da técnica construtiva de taipa-de-pilão por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre desenho (in MENDES, 1968, p. 139). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

Tomemos como exemplo o sobrado de Tereza Miquelina do Amaral Pompeu (Figuras 8 e 9), que pertenceu depois ao seu irmão e genro, Joaquim Bonifácio do Amaral, (Figuras 8 e 9) Visconde de Indaiatuba, e que foi concluído em 1846. Localizado no núcleo da “matriz velha”, este sobrado hospedou D. Pedro II, nos anos de 1875 e 1878. Suas características arquitetônicas são mais elaboradas que os demais apresentados aqui, porém não se tem precisão se o edifício passou por melhoramentos para receber o Imperador: no térreo não aparecem porões; as janelas são de vergas retas, com folhas cegas internas e

janelas guilhotinas de vidro no exterior, com a porta principal em arco pleno.⁷ No primeiro pavimento existiam janelas com bandeira fixa de motivo floral, com folhas cegas no interior e duas folhas de vidro de abrir no exterior; a sacada de ferro⁸ ocupa toda a sua extensão; aparece também detalhe ornamental em motivo floral no capitel e cornija de beira. O sobrado possuía pilastras ornamentadas nos dois andares, com pedestal, base, fuste e capitel, conforme explicitado nas ilustrações a seguir:

**Figura 8 - Residência de Miquelina do Amaral Pompeu.
Posterior do visconde de Indaiatuba**



Inserção de elementos arquitetônicos por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre foto (in PUPO, 1969, p. 188). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti, 2009.

⁷ O “arco pleno” é um semi-círculo exato que foi introduzido no arremate de portas e janelas, e que faz parte do repertório de linguagem clássica.

⁸ A serralheria geralmente era importada da França, porém também existiam algumas fabricadas em Campinas pelos Irmãos Bierrenback, que fizeram em 1875, as internas da Capela Nossa Senhora da Boa Morte (Cf. PUPO, 1969, p. 187-188).

**Figura 9 - Residência de Miquelina do Amaral Pompeu.
Posterior do visconde de Indaiatuba**



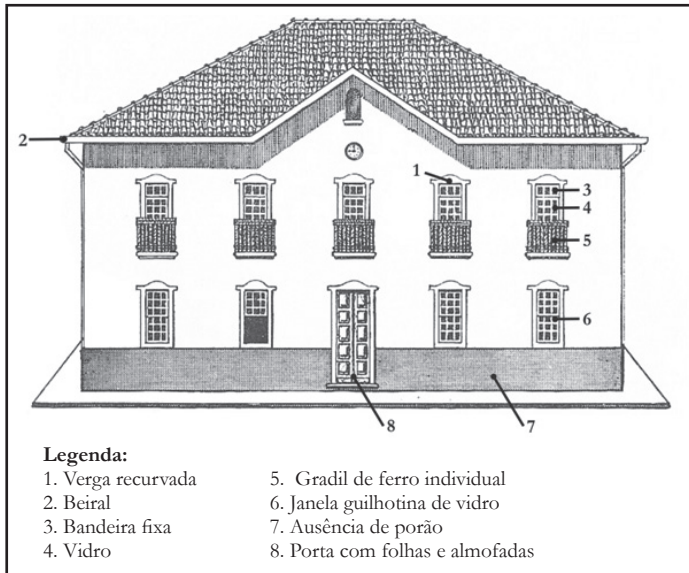
Legenda:

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| 1. Verga reta | 8. Capitel |
| 2. Bandeira fixa | 9. Fuste |
| 3. Folha dupla de vidro de abrir | 10. Base |
| 4. Cornija de beira | 11. Pedestal |
| 5. Capitel | 12. Verga reta |
| 6. Fuste | 13. Gradil contínuo |
| 7. Pilastra | 14. Janela de vidro guilhotina |

Inserção de elementos arquitetônicos por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre desenho do acervo particular de Maria Luiza Pinto de Moura, 2003. Edição de Imagem: Beatriz Andreotti, 2009.

Já em 1845 procedia-se a reforma do sobrado da casa de Câmara e Cadeia, que, segundo reconstituição de Celso Maria de Mello Pupo (Figura 10), teria gradil de ferro nas sacadas individuais, janelas de vidro guilhotina no andar térreo e janelas com bandeira e duas folhas de vidro de abrir no primeiro pavimento.

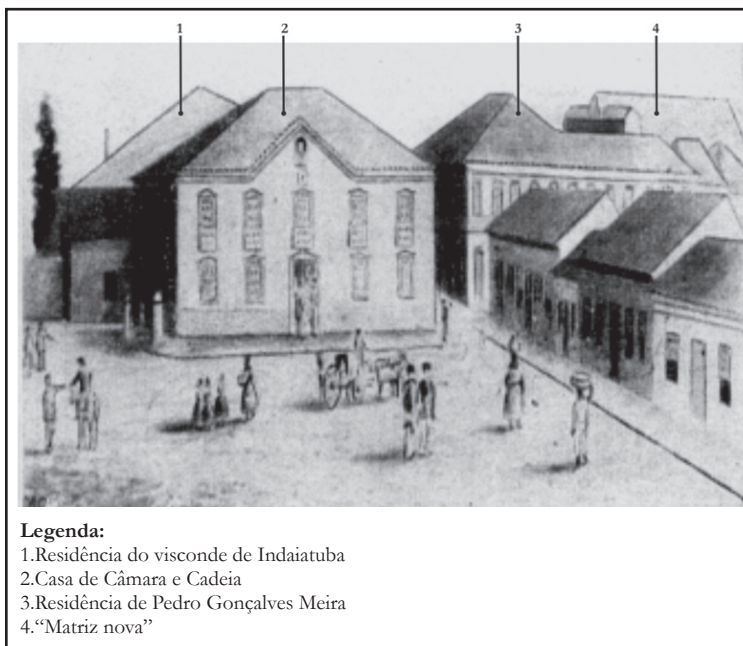
Figura 10 - Casa de Câmara e Cadeia, Campinas, 1845



Inserção de elementos arquitetônicos por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre desenho (in PUPO, 1969, p. 123). Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

Pode-se supor, a partir da confrontação destas imagens, que as modernizações com inserção de portas de duas folhas de vidro com bandeira fixa e gradil de ferro começaram a ser introduzidas em Campinas a partir da reforma da Casa de Câmara e Cadeia em 1845, pois era um prédio importante para a cidade. Segundo Celso Pupo, a Casa de Câmara e Cadeia foi construída no lugar da capela provisória – local onde se realizou a primeira missa, em 14 de julho de 1774 (PUPO, 1969, p. 44) –, entre de junho de 1824 e fevereiro de 1829. Fazia conjunto com a “matriz velha”, estando a sua fachada principal voltada para a mesma. Foi construída com a mesma altura de um sobrado residencial e com dois pavimentos, fazendo também conjunto com o sobrado do Visconde de Indaiatuba, conforme observa-se do desenho de H. Lewis, de 1863 (Figura 11).

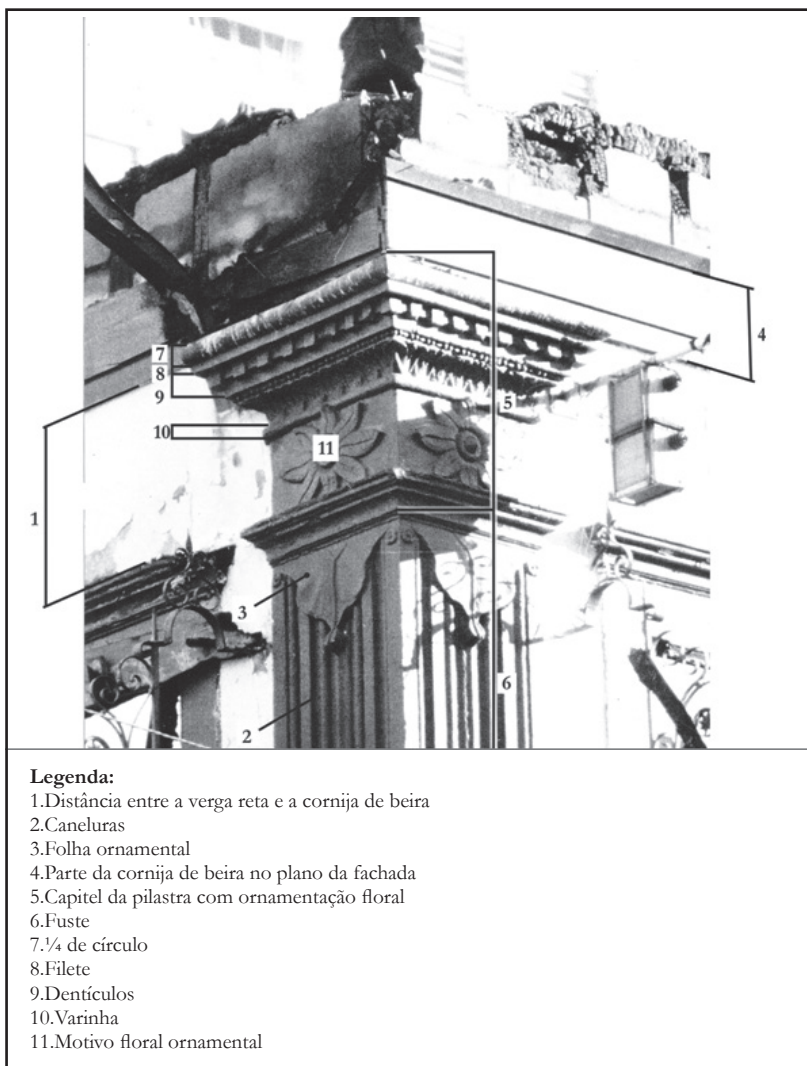
Figura 11 - Casa de Câmara e Cadeia e entorno, Campinas, 1863



Inserção de identificação dos edifícios por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre de H. Lewis, 1863, do arquivo da coleção BMC do Museu da Imagem e do Som de Campinas. Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

Observando-se em detalhe, verifica-se na pilastra do sobrado de Miquelina do Amaral, posteriormente do Visconde de Indaiatuba, que as modenaturas clássicas foram utilizadas (filete, varinha, escócia, dentículos, $\frac{1}{4}$ de círculo), assim como motivos vegetais ornamentais, identificados abaixo (Figura 12).

Figura 12 - Residência de Miquelina do Amaral, Campinas



Inserção de elementos arquitetônicos e modenaturas por Ana A. Villanueva Rodrigues, sobre foto de Ana A. Villanueva Rodrigues, 1994. Edição de Imagem: Beatriz Andreotti e Diana Helene, 2009.

2ª Fase: Construções em técnica mista: taipa-de-pilão e tijolos. Este período se inicia em 1862, com a administração de Sampaio Peixoto na Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas, passando pela inauguração da olaria de Sampaio Peixoto, em 1867, até a conclusão da fachada principal e a sua inauguração oficial em 1883 (Figura 13).